COÉFORAS

ÉSQUILO

Distribuído por www.oficinadeteatro.com

Época da ação: idade heróica da Grécia (cerca de 1200 a.C.).

Local: Argos, na Grécia

Primeira representação: 458 a.C., em Atenas.

Personagens

Orestes – filho de Agamêmnon e de Clitemnestra

Coro – composto de escravas

Electra – irmã de Orestes

Clitemnestra – viúva de Agamêmnon e amante de Egisto

Escravo

Pílates – amigo inseparável de Orestes

Egisto – amante de Clitemnestra.

Cenário

Ao fundo vê-se o palácio do finado Agamêmnon, com três portas, sendo uma delas do gineceu. No centro da cena está o túmulo de Agamêmnon. Orestes e Pilades entram em cena juntos.

Orestes

Hermes das profundezas infernais, que velas pelo poder paterno, vem juntar-te a mim, vem logo e salva-me como aliado nosso, a quem elevo nesta hora minhas preces! Volto do exílio agora para minha terra...

(Subindo ao túmulo de Agamêmnon.)

Do alto deste túmulo, meu pai, imploro: ouve-me e atenta a esta minha invocação!

(Orestes corta uma mecha de seus cabelos e a põe sobre o túmulo.)

Desejo consagrar a Ínaco esta mecha de meus cabelos, pois ele cuidou de mim em minha infância; esta segunda mecha, pai, deponho aqui como demonstração de luto... Não estive presente para lamentar a tua morte; não ergui as minhas mãos na hora em que teu corpo foi posto no túmulo...

(Aproxima-se um grupo de mulheres usando roupas de luto.)

Que vejo agora? Que mulheres serão estas aproximando-se com longos véus sombrios? Em que funesto evento deverei pensar? Algum desastre novo acaba de atingir este palácio? Ou devo, então, imaginar que estas mulheres vem trazendo libações a meu finado pai, dessas que se destinam a consolar os mortos? Não é outra coisa pois já percebo Electra, minha irmã querida, marchando sob o peso de uma dor amarga. Ah! Zeus! Concede-me a ventura de vingar a morte de meu pai! Traze-me a tua ajuda!

(Dirigindo-se a Pílades.)

Tratemos de ocultar-nos por enquanto, Pílades; quero saber exatamente o que pretendem estas mulheres nesse ritual funéreo.

(Orestes e Píldes escondem-se; entra o Coro, composto de escravas, com Electra à frente.)

Coro

Mandaram-nos sair lá do palácio
para trazer as oferendas fúnebres
com nossas mãos em movimentos rápidos.
Em nosso rosto há marcas cor de sangue,
sulcos feitos por nossas próprias unhas,
pois nossos corações todos os dias
nutrem-se apenas de muitos gemidos;
fazendo soluçar o próprio linho
de nossas roupas, a dor desgastou
os véus dobrados sobre nossos peitos
agitados por males incontáveis
que afastam o riso de nossas faces.
Numa linguagem nítida que eriça
nossos cabelos, a força profética
cheia de inspiração nos vem falar
pela voz inequívoca dos sonhos
nesta morada, exalando vingança
em pleno sono, do fundo da noite,
no centro do palácio, proferindo
num espantoso grito o santo oráculo
que vem cair com seu imenso peso
nos quartos onde vivem as mulheres.
Os argutos intérpretes de sonhos,
elucidando a vontade dos céus,
inspirados por um sopro divino
declaram que o defunto sob a terra
externa sem cessar sua amargura
e a cólera contra seus assassinos.
Pretendendo com este agrado ingrato
livrar-se da iminente punição,
ela nos manda agora até aqui
- ah! terra Mãe! -, essa mulher sacrílega!
Mas temos medo de pronunciar
as palavras que ela mandou dizer.
De fato, que reparação existe
para o sangue caído sobre a terra?
Ah! Lar extremamente infeliz!
Ah! Casa totalmente aniquilada!
As trevas fechadas ao próprio sol
e detestadas pelos homens, cobrem
todo o palácio do rei que morreu.
A majestade antiga, resistente,

invicta, inatacável, que existia
na alma e nos ouvidos deste povo
agora se desfaz; mas há temor!
Para os mortais o sucesso é um deus
e mais que um deus; entretanto a balança
da justiça serena está atenta
e colhe alguns em plena luz, a outros
leva mais tarde sofrimento intenso
e a noite interminável ceifa muitos.
Quando o sangue é sorvido pela terra
nutriz de todos, até saturá-la,
ao menos um coágulo perdura intacto
e nunca se dissolverá;
um dia sairá dele a vingança.
A mais cruel de todas as desditas
é o preço da demora do castigo,
e a quem tiver a culpa caberá
no fim a ruína total e completa.
Da mesma forma que não existe remédio
para a violação da virgindade,
todos os cursos d'água reunidos
numa torrente impetuosa e única
para lavar a mácula indelével
das mãos sujas do sangue derramado
terão fluido inteiramente em vão.
A nós, que aqui estamos - já que os deuses
lançaram a nojenta servidão
sobre a nossa cidade (eles tiraram-nos
de nossas casas para a escravidão) -,
somente cabe-nos, a contragosto,
conter o nosso ódio mais amargo
e submeter-nos a todas as ordens,
justas ou injustas, de nossos senhores,
mas sob os nossos véus sentimos muito
os duros golpes do destino cego
que vitimaram nosso rei - coitado! -,
e o luto que temos de disfarçar
faz-nos sentir o coração gelado.

(Após alguns momentos de silêncio Electra dirige-se ao Coro.)

Electra

Criadas desta casa, que devidamente
cuidais dos afazeres de todos os dias,
já que viestes caminhando até aqui
comigo para perfazermos em conjunto
os ritos propiciatórios, dai-me agora

vossos conselhos quanto ao que tem de ser feito.
Que deverei dizer quando for derramar
estas funéreas oferendas? Como achar,
neste momento repleto de hesitações,
palavras agradáveis? Como anunciar
a prece a meu querido pai? Direi apenas
que sou a portadora destas homenagens
a um esposo amado de uma esposa amante
- de minha mãe? Não estou convencida disto,
nem sei o que frei falar ao espargir
as libações sobre o sepulcro de meu pai.
Ou deverei fazer a alocução que os homens
costumam proferir, dizendo-lhe somente
que retribua o gesto de quem as envia
com males comparáveis às calamidades
inomináveis que ela lhe proporcionou?
Ou em silêncio e humilhada, como estava
meu pai quando o mataram, devo derramar
de uma só vez as libações para que a terra
possa bebê-las, e revertendo meus passos
voltar ao palácio real como quem chega
depois de ver sua oferenda recusada,
jogando para trás o vaso sem olhá-lo?
Compartilhai comigo vossos bons conselhos,
pois vós também sentis comigo o imenso ódio
comum a todas nós no lar que era do rei.
Não deveis ocultar apenas por temor
os vossos sentimentos; a hora fatal
há de chegar tanto para as pessoas livres
como para quem foi um dia escravizado
pelas mãos poderosas de quaisquer senhores.

(Dirigindo-se ao Corifeu.)

Fala, se tuas sugestões forem melhores!

Corifeu

Em reverência à sepultura de teu pai,
como diante de um altar, direi agora
meus pensamentos mais recônditos, se ordenas.

Electra

Fala em respeito à sepultura de meu pai!

Corifeu

Na mesma hora de espargir as libações,
dize palavras agradáveis aos amigos.

Electra

E quem, entre os parentes, devo mencionar?

Corifeu

Primeiro tu; depois, quem quer que odeie Egisto.

Electra

Farei então a prece por mim e por ti?

Corifeu

Pensa tu mesma nisto, usando teu bom senso.

Electra

Devo incluir em minha prece mais alguém?

Corifeu

Pensa em Orestes, inda que ele esteja ausente.

Electra

É boa a idéia! Alertas-me sensatamente.

Corifeu

Agora pensa nos culpados pelo crime.

Electra

Que deverei dizer? Não tenho experiência...

Sê mais explícita a propósito da prece.

Corifeu

Pede que um deus ou algum mortal venha enfrentá-los!

Electra

Queres dizer como juiz, ou vingador?

Corifeu

Fala bem claro: alguém que mate quem matou!

Electra

Seria piedoso este pedido aos deuses?

Corifeu

Não queres desejar o mal aos inimigos?

(Electra segura o vaso que uma das escravas lhe entrega, derrama a água lustral e começa a espargir as libações sobre o túmulo.)

Electra

Supremo mensageiro entre os vivos e os mortos,
Hermes das profundezas, vem logo ajudar-me!
Convoca para ouvirem minha invocação
os infernais espíritos cuja incumbência
é proteger a casa em que viveu meu pai,
e a própria terra, origem de todas as coisas,
que depois de nutri-las torna a receber
em seu seio o germe fecundo! Quanto a mim,
dando aos finados estas oferendas puras
venho invocar meu pai dizendo-lhe: "Apieda-te
de mim e de Orestes querido! Como, pai,
poderemos ser donos de nosso palácio?
Vivemos hoje indignamente, sem destino,
vendidos por aquela que nos deu à luz,
por ela, que escolheu Egisto para seu amante,
Egisto, sim, seu cúmplice em teu extermínio!
Estou sendo tratada como escrava, Orestes
foi despojado de seus bens, enquanto eles
agora tripudiam insolentemente
sobre os bens valiosos que tu conquistaste
com tanta valentia! Que um feliz acaso
traga de volta Orestes! Eis a minha súplica;
ouve-me, pai! Concede-me que eu seja sempre
mais sensata que minha mãe e tenha as mãos
muito mais inocentes! São estas as preces
referentes a nós, mas quanto aos inimigos
imploro que afinal venha juntar-se a mim
um homem para te vingar, bastante forte
para matar teus assassinos, pai querido,
em justa retaliação (seja-me dado
juntar às minhas súplicas por bons eventos
imprecações de males contra os inimigos!).
Daí das profundezas onde estás agora
sê portador de bênçãos para nós, teus filhos,
aqui em cima, graças aos deuses, à Terra
e à Justiça mensageira da Vitória!'

(Derramando libações sobre o túmulo.)

Vou derramar as libações com minhas preces!

(Dirigindo-se às mulheres do Coro.)

Cabe-vos encerrá-las com lamentações
em altos brados, num hino fúnebre ao morto!

Coro

Corram, então, as nossas muitas lágrimas,
pranto de morte ao nosso senhor morto
neste refúgio contra o mal e o bem
para apagar a mácula maldita,
enquanto fluem estas libações.
Ouve-nos! Ouve, senhor excelente,
o apelo de minha alma envolta em luto!
Ai! Ai de mim! Que varão poderoso
virá livrar do jugo este palácio
portando em suas mãos um arco cítico
e a espada cuja lâmina e o punho
confundem-se para lutar de perto?

Electra

A terra e meu querido pai já receberam
as libações, mas partilhai minha surpresa!

Corifeu

Dize o que vês! Meu coração dança de espanto!

Electra

Vejo uma mecha de cabelos, oferenda
recém-cortada sobre a tumba de meu pai!

Corifeu

De um homem ou de moça de cintura fina?

Electra

Qualquer pessoa poderia adivinhar.

Corifeu

Mas como? As velhas aprendendo das mais jovens?

Electra

Além de mim, quem poderia oferecê-la?

Corifeu

Quem faz esta oferenda sente apenas ódio.

Electra

E mais: olhando-os acho-os muito parecidos...

Corifeu

Com que cabelos? Meu desejo é saber logo!

Electra

...com os meus; observo que se parecem demais...

Corifeu

Será que Orestes os trouxe secretamente?

Electra

Sim! Esta mecha se assemelha muito às dele!

Corifeu

Mas, como ousou Orestes vir até aqui?

Electra

Ele pode tê-la mandado por alguém para homenagear seu pai, embora ausente.

Corifeu

Tuas palavras fazem-me chorar, pensando que nunca mais seus pés pisarão esta terra!...

Electra

Também sobe ao meu coração um fluxo amargo e me sinto ferida como se uma espada me houvesse traspassado. Caem de meus olhos ardentes, temerosas lágrimas ao ver esta mecha de seus cabelos. Como posso imaginar que mais alguém desta cidade tenha cabelos como estes? Muito menos que a homicida, minha própria mãe, pudesse cortá-los de sua cabeça, ela mesma, que maltratou impiedosamente os filhos e se tornou indigna do nome de mãe. Ah! Como poderia eu dizer agora que estes cabelos vêm do mortal mais querido, de Orestes? Mas estou sentindo que a esperança me acaricia... Ah! Se ela tivesse ao menos a voz animadora de algum mensageiro, a fim de que eu não vacilasse entre uma idéia e outra, e fosse capaz, sem qualquer dúvida, de desfazer-me desta mecha, horrorizada, se ela vem da cabeça de algum inimigo, ou, se de fato vem de meu querido irmão, de associá-la ao meu desesperado luto para adornar a tumba de meu pai e honrá-lo! Porém os deuses aos quais faço minhas preces sabem por que tormentas somos arrastados, como nautas no mar; se a sorte, todavia,

salvar-nos do naufrágio, da semente ínfima
há de surgir a árvore da redenção.

(Electra repõe cuidadosamente a mecha sobre o túmulo e ao baixar-se percebe marcas de pés no chão.)

Eis aqui um segundo indício: estas pegadas
parecidas com as minhas! Sim, aqui estão
duas marcas de pés! As dele, com certeza,
e as outras de algum companheiro de viagem!
Os calcanhares e os contornos de seus pés
se assemelham aos meus em suas proporções!
Domina-me a aflição e me perturba a mente!

(Aparece Orestes. seguido a certa distância por Pílates.)

Orestes *(Dirigindo-se a Electra.)*

Faze uma prece aos deuses para que conservem
esse teu privilégio de formular votos
sempre exalçados, como agora, por um deles.

Electra

Que graça me concedem hoje as divindades?

Orestes

Teus olhos vêem neste instante a criatura
que há tanto tempo desejavas encontrar!

Electra

Conheces por acaso o homem que eu espero?

Orestes

Sei que aguardavas ansiosamente Orestes.

Electra

Que preces minhas são ouvidas neste instante?

Orestes

Estou aqui; já não terás de procurar
pessoa alguma tão amiga quanto eu!

Electra

Não estarás tramando algo contra mim?

Orestes

Então faço maquinações contra mim mesmo!

Electra

E se queres apenas zombar de meus males?

Orestes

Dos meus também, se procuro zombar dos teus.

Electra

Devo então dirigir-me a ti como se fosses
Orestes sem a mínima sombra de dúvida?

Orestes

Embora me contemples não me reconheces,
mas há bem pouco tempo à vista desta mecha
de meus cabelos, cortados como um sinal
do luto que me pesa sobre o coração,
e quando ponderavas sobre estas pegadas,
teu pensamento criou asas e julgaste
que me tinhas à tua frente! Põe a mecha
de meus cabelos no lugar de onde a cortei
- de teu irmão e parecida com as tuas -
e vê como ela coincide com as minhas!

(Mostrando o manto que vestia.)

Observa este bordado, obra de tuas mãos,
os pontos das agulhas, as cenas de caça
que ainda podes ver perfeitamente, irmã!

*(Electra avança precipitadamente em direção a Orestes e ameaça um grito de
júbilo.)*

Domina-te! Não deixes que tua cabeça
se deixe transtornar pelo contentamento,
pois as pessoas que nos deviam amar
são nossas inimigas mais exacerbadas.

Electra

Ah! Bem mais precioso da casa paterna!
Ah! Esperança acalentada há tanto tempo,
causa de tantas lágrimas! Confia em ti
e recuperarás o lar onde nasceste!
Ah! Presença querida que agora recibes
minha ternura quatro vezes, pois terei
de chamar-te de pai, de dar-te todo o amor
que deveria dedicar à minha mãe
(aquela que por todas as razões odeio),
de transferir-te ainda o carinho devido

à minha irmã sacrificada cruelmente
e de te amar por ver em ti neste momento
o irmão fiel capaz de me trazer de volta
a consideração de todos os mortais!
Que a força e a justiça, em tríplice união
com Zeus onipotente, estejam do teu lado!

Orestes

Zeus! Zeus! Vela por nós! Parecemos filhotes
de uma altaneira águia, privados do pai
colhido e morto nos coleios, nos enlaces
de alguma víbora maligna; sós e órfãos,
podem ser vítimas da fome impiedosa,
pois nos primeiros dias falta-lhes a força
para trazerem caça ao ninho onde nasceram.
A nossa sorte - digo a minha e a de Electra –
é a mesma: jovens, sem a proteção paterna,
ambos expulsos do palácio onde nascemos.
Se permitires, Zeus, que sejam destruídas
estas crias de um pai que foi teu sacerdote
e mais que os outros homens cuidou de teu culto,
de que mãos comparáveis irás receber
as homenagens em esplêndidos festejos?
Se destruíres a descendência da águia,
não poderás, quando quiseres no futuro,
enviar aos mortais mensagens fidedignas;
nem, se deixares secar as próprias raízes
desta raça real, ela te prestará
o culto em teus altares nos dias propícios
aos santos sacrifícios de incontáveis bois.
Protege-nos e brevemente poderás
levar às culminâncias nossa antiga casa
que nos parece estar em total decadência!

Corifeu

Crianças, salvadoras da casa paterna,
silenciai para evitar que alguém vos ouça
e pelo gosto de falar vá contar tudo
aos detentores do poder (seja-me dado
vê-los um dia incinerados em fogueiras
entre os estalos da resina crepitante!).

Orestes

Por certo o onipotente oráculo de Apolo
não falhará depois de haver determinado
que eu enfrentasse este perigo até o fim
e revelado em altas vozes aflições

que fizeram gelar o sangue no meu peito
se não vingasse um dia a morte de meu pai
punindo os homicidas; o deus ordenou
que eu os exterminasse em retaliação,
enfurecido pela perda de meus bens.
Se eu não obedecesse, disse ainda o deus,
teria de pagar um dia a minha dívida
com a própria vida entre terríveis sofrimentos.
Assim o oráculo, mostrando aos homens todos
a ira dos poderes infernais malignos,
ameaçou-me com pragas nauseabundas:
ulcerações leprosas que mordem as carnes
com dentes cortantes de fogo, devorando
a sua própria natureza, enquanto surgem
os pêlos alvos que proliferam nas chagas.
Ele falou também de ataques horrorosos
das Fúrias sempre desejosas de vingança
ao ver o sangue derramado por um pai,
e de visões terrificantes que aparecem
na escuridão da noite diante dos olhos
dos filhos desvairados entre convulsões.
O dardo negro dos infernos, quando o invocam
os mortos consangüíneos - cólera, delírio
ou pesadelos vindos do fundo da noite -,
agita e enlouquece os filhos negligentes
até conseguir expulsá-los da cidade
com as carnes ultrajantemente laceradas
por um irresistível aguilhão de bronze.
E a criatura que faltasse a tais deveres,
disse-me o deus, jamais poderia beber
na taça em que todos os membros da família
fazem as libações; a ira de seu pai,
embora imperceptível, afastá-la-ia
do altar comum; ninguém jamais a acolheria
nem lhe ofereceria o leite; finalmente,
desprezada por todos, sem um só amigo,
tal criatura morreria na miséria
de um mal que a aniquilaria sem remédio.
Não tenho, então, a obrigação de acreditar
no oráculo? Inda que não lhe desse crédito
o feito se consumaria, pois impulsos
me impelem sempre para uma conclusão:
além do mandamento nítido de Apolo,
a dor profunda pela morte de meu pai,
as ameaças da pobreza detestável
e sobretudo o desejo de não deixar
nossos concidadãos, vencedores em Tróia

graças à sua resoluta valentia,
serem escravizados por duas mulheres
(de fato, o coração de Egisto é de mulher;
se ele não sabe, logo ficará sabendo!).

Corifeu

Parcas potentes, peço-vos por Zeus:
fazei com que tudo se realize
no rumo seguido pelo destino!
Fazei com que a cada palavra de ódio
responda logo outra palavra igual,
como a justiça quer ao exigir
em altos brados a reparação!
Contra cada golpe mortal desfira-se
um novo golpe igualmente mortal!
“Ao culpado o castigo”, diz o adágio
há muito tempo ouvido e repetido!

Orestes

Meu pai muito infeliz! Com que palavras
ou atos poderei fazer chegar
minha mensagem até o lugar
onde repousas, como luz oposta
às trevas em que te encontras agora?
E para nós também, muitos soluços
- a única homenagem aceitável -
anunciando a vinda dos Atridas
até as altas portas do palácio teu
hoje fechado para todos eles.

Corifeu

A alma de teu pai, minha criança,
não cede em face do fogo voraz;
hoje ou mais tarde ele revela a cólera.
Chore-se a vítima e seu vingador
logo aparecerá; lamentos justos
por nossos pais, que nos deram a vida,
se são reiterados e potentes
perseguem incansáveis os culpados.

Electra

Ouve então, pai, a parte que me cabe
nessa pungente dor! São teus dois filhos
que sobre tua sepultura entoam
um canto fúnebre; é somente um túmulo
que nos recebe como suplicantes,
como exilados. Que se pode ver

de confortante nisso? Apenas males.
Não é razão para desesperar
ter de lutar contra a fatalidade?

Corifeu

Mas se quiser, um deus terá poderes
para mudar estes nossos lamentos
em sons mais agradáveis aos ouvidos.
Em vez de cantos fúnebres aqui,
junto a uma tumba, cantos triunfais
no interior do palácio real
celebrarão o amigo que regressa,
recuperando enfim a alegria
de estar bebendo na taça comum
o vinho novo em comemorações.

Orestes

Ah! Por que não tombaste, pai querido,
ao pé das muralhas de Tróia, morto
pelo dardo de algum soldado licio!
Deixando em casa um nome glorioso
e para os filhos em suas jornadas
uma existência que atrairia
os olhares de todos, jazerias
em terras de além-mar, sob uma lápide
menos funesta para os filhos teus...

Corifeu

... caro aos amigos, morto bravamente,
heroicamente à semelhança deles,
senhor magnífico, mesmo enterrado,
servindo aos grandes deuses infernais,
pois enquanto viveste foste rei
igual aos que, por decreto da Sorte,
conferem o poder de vida ou morte
e têm o cetro diante do qual
todos os súditos se curvam, dóceis.

Electra

Não deverias ter morrido, pai,
tampouco ao pé das muralhas de Tróia,
entre os outros guerreiros atingidos
por lanças assassinas, nem descido
à sepultura junto ao Escamandro.
Ah! Se teus assassinos, e só eles,
tivessem sido mortos por parentes!
Assim nos teriam chegado apenas

notícias do destino que lhes coube,
exterminados em terras distantes!
E tais angústias não seriam nossas!

Corifeu

Queres, menina, muito mais que o ouro,
muito mais que a felicidade máxima
- a sorte reservada aos Hiperbóreos -;
isto é apenas um desejo teu.
Agora ouvimos somente o estalo
de um duplo açoite; os nossos defensores
estão neste momento em suas tumbas
e os atuais senhores têm as mãos
sujas de sangue - destino cruel
para Agamêmnon e para seus filhos!

Orestes

Estas palavras vêm diretamente
aos meus ouvidos e me estão ferindo
como se disparasses uma flecha!
Zeus, que das profundezas infernais
fazes precipitar-se cedo ou tarde
a desdita sobre qualquer mortal
cujas mãos foram perversas e pérfidas!
Embora o alvo seja nossa mãe,
vamos agir imediatamente!

Corifeu

Seja-me dado então gritar bem alto,
augurando o triunfo sobre o homem
nos estertores, e sobre a mulher
quando estiver enfim sendo imolada!
Por que devo tentar dissimular
meu pensamento se ele neste instante
quer sair de minha alma sobrepondo-se
ao meu esforço vão para contê-lo,
agora que sopram sobre meu rosto
como se fossem uma brisa áspera
a cólera presa em meu coração
e o ódio nutrido pelo rancor?

Electra

Mas, quando, então, Zeus todo-poderoso
fará descer a sua mão, fendendo
os crânios dos culpados e trazendo
de volta a confiança a esta terra?
Quero justiça contra a injustiça!

Ouvi-me, Terra e deuses infernais!

Corifeu

É lei que o sangue, uma vez derramado
em plena terra, exija sangue novo.
Um assassínio clama em altos brados
pelas divinas Fúrias vingadoras,
para que em nome das primeiras vítimas
elas provoquem implacavelmente
nova desgraça em seguida à antiga.

Orestes

Ah! Soberanas Fúrias infernais,
imprecações poderosas dos mortos,
vede o que resta agora dos Atridas
diante da miséria sem saída
e das humilhações do longo exílio!
Para onde nos voltaremos, Zeus?

Corifeu

Meu coração palpita novamente
ouvindo agora a súplica de Orestes.
Chego a desesperar e sinto a treva
envolvendo minha alma. Por outro lado,
afirmações viris trazem-me alívio
e tudo volta a parecer melhor.

Electra

Que deveríamos dizer agora?
Que nossos sofrimentos são a obra
da criatura que nos deu à luz?
Ela pode tentar suavizá-los,
mas não existe alívio para eles.
Nossa mãe transformou meu coração
num lobo insaciável, implacável.

Corifeu

Bato no peito em lúgubre cadência;
seguindo o ritual das carpideiras,
minhas mãos tocam-se incessantemente
acelerando o ritmo de seus golpes,
fustigando de cima e afastando-se
enquanto mortificam-me a cabeça
sofrida e dolorida a cada impacto.

Electra

Ah! Minha mãe despudorada e má!

Ousaste sepultar um grande rei
secretamente (ah! funerais cruéis!),
sem o pranto sentido de seu povo,
sem uma simples lágrima de pena!

Orestes

Tu me relembra essa infâmia enorme,
irmã querida, mas se as divindades
quiserem ajudar-me a golpear
com minhas próprias mãos a nossa mãe,
ela nos pagará; matá-la-ei,
embora tenha de morrer por isso!

Electra

Se me queres ouvir digo-te ainda
que ela, vendo o marido já sem vida,
chegou ao cúmulo de mutilá-lo
e assim o sepultou perversamente,
querendo apenas lançar sobre ti
um fardo de vergonha insuportável.
Eis as muitas infâmias infligidas
a teu querido pai por Clitemnestra.

Electra

Falas das desventuras de meu pai;
a mim, porém, privaram-me de tudo,
dando-me o tratamento de uma escrava;
confinada em meu quarto, com um cão
maligno, mais pronta a chorar que a rir,
eu me ocultava para soluçar,
sofrendo sem um momento de alívio.

(Dirigindo-se a Orestes.)

Escuta e guarda na alma o que te digo!

Corifeu

Deixa minhas palavras penetrarem
por teus ouvidos e mantém a alma
tranqüilamente preparada. Sabes
tudo que se passou; a tua cólera
te dirá como vai ser o futuro.
Quem opta por lutar deve sentir
um rancor implacável em seu peito.

Orestes

Chamo-te, pai! Vem ajudar teus filhos!

Electra

Também te chamo, pai, desfeita em lágrimas!

Coro

Nossas vozes uníssonas repetem
a súplica de teus filhos presentes!
Ouve nossos apelos! Manifesta-te!
Junta-te a nós contra teus inimigos!

Orestes

A Força enfrentará agora a Força
e se oporá o Direito ao Direito!

Electra

Fazei com que vossa justiça, deuses,
dê a vitória às pretensões dos justos!

Coro

Trememos quando ouvimos estas preces.
Tarda muito o destino a consumir-se.
Chamamo-lo e queremos que ele venha!
Ah! Males incessantes desta raça,
golpes sanguinolentos e funestos
da Sorte adversa! Angústia insuportável
e lamentável! Quanto sofrimento,
sem um momento de tranqüilidade!
Este palácio, todavia, vê
um bom remédio para tantas mágoas,
nascido nele mesmo, e não lá fora;
a cura ocorrerá em decorrência
de uma disputa áspera e sangrenta.
Vociferamos para ser ouvidos
pelos potentes deuses subterrâneos!

Corifeu

Valei-nos, divindades infernais!
Sede sensíveis a nossos clamores,
e numa prova de benevolência
vinde ajudar estas duas crianças
em sua luta! Dai-lhes a vitória!

(Orestes e Electra ajoelham-se sobre o túmulo de Agamêmnon.)

Orestes

Pai, que morreste de maneira indecorosa,
indigna do poder de um rei, venho implorar-te:

concede-me a soberania em teu palácio!

Electra

Também tenho um pedido a dirigir-te, pai:
livra-me agora desta enorme desventura
e faze com que ela recaia sobre Egisto!

Orestes

Nosso propósito é criar festas solenes
em tua honra, pois sem as celebrações
te esquecerão nos dias dos lautos banquetes
em que se fazem oferendas fumegantes
lançadas abundantemente sobre a terra.

Electra

Na plenitude de meus direitos de herdeira
virei trazer-te, pai, as minhas libações
de esposa moça quando deixar teu palácio,
e acima de todas as coisas honrarei
a tua sepultura, para mim sagrada!

Orestes

Abre-te agora, terra! Deixa nosso pai
juntar-se a nós na luta prestes a travar-se!

Electra

Concede-nos, Perséfone, a vitória esplêndida!

Orestes

Lembra-te, pai, do banho em que foste imolado!

Electra

E lembra-te da rede insólita que a astúcia
dos assassinos lançou para te imolar!

Orestes

E dos grilhões para tolher teus movimentos,
forjados por alguém que não era ferreiro!

Electra

E dos pérfidos véus da trama degradante!

Orestes

Despertas hoje, pai, depois de tais ultrajes?

Electra

Ergues enfim tua cabeça muito amada?

Orestes

Manda a justiça combater ao nosso lado,
ou deixa-nos, então, usar as mesmas armas
se, depois da derrota inicial, desejas
ser desta vez o vencedor definitivo!

Electra

Escuta agora meu supremo apelo, pai:
contempla tua prole ajoelhada aqui
sobre este túmulo; peço-te que te apiedes
tanto de tua filha como de teu filho!
Não deixes desaparecerem deste mundo
as últimas, tristes sementes dos Pelópidas
assim, embora morto vencerás a morte!

Orestes

De fato, os filhos representam para um homem
a voz que lhe preserva o nome após a morte,
da mesma forma que as bóias salvam as redes
mantendo-as flutuantes em águas profundas.
Ouve-me, pai! A minha súplica sentida
é por teu próprio bem; ela te salvará
do esquecimento se quiseres escutá-la!

(Orestes e Electra levantam-se e se afastam do túmulo de Agamêmnon.)

Corifeu

Estas palavras visam aos ritos sagrados
e servem para compensar o esquecimento
das usuais lamentações sobre o sepulcro.

(Afastando-se do túmulo e dirigindo-se a Orestes.)

Agora que teu ânimo volta a ser forte
e te compele a entrar em ação, começa!
Põe resolutamente à prova teu destino!

Orestes

Assim será, mas é cabível perguntar,
antes de agir, com que propósito, por que
ela mandou oferecer as libações
e tenta redimir-se, embora muito tarde,
de um mal sem cura. Para o defunto insensível
esta homenagem é mesquinha; não pretendo
avaliar as oferendas, mas sem dúvida
elas parecem muito aquém do malefício.

Para apagar uma simples gota de sangue
pode-se dar de uma só vez toda a riqueza,
mas como diz um antiquíssimo provérbio
tão grande empenho não terá valor algum.
Dize-me, se souberes, qual a explicação
das providências tomadas por Clitemnestra.

Corifeu

Eu sei, menino, pois estava no palácio:
sonhos terríveis perturbaram suas noites.
Por isso ela mandou as libações que vimos.

Orestes

Podes contar-me exatamente o sonho dela?

Corifeu

No sonho pareceu-lhe parir uma víbora,
de acordo com a sua própria afirmação.

Orestes

Como acabou o sonho? Conta até o fim!

Corifeu

Ela envolveu em fraldas a pequena víbora,
como se se tratasse de uma criancinha.

Orestes

Como se alimentava o monstro após o parto?

Corifeu

No sonho, ela mesma lhe apresentava o seio.

Orestes

E a víbora não o feriu quando o sugava?

Corifeu

Feriu, e logo o sangue misturou-se ao leite.

Orestes

Talvez isto não seja casualidade...
Essa visão pode significar um homem...

Corifeu

Ela acordou e deu um grito, receosa,
e as tochas, cujos olhos a treva fechara,
reacenderam-se incontáveis pela casa,

como se obedecessem à voz da senhora.
Pouco tempo depois ela mandou levar
as oferendas fúnebres de que falamos,
na ânsia de encontrar nas mesmas um alívio
para suas terríveis preocupações.

Orestes

Então imploro a este solo e ao sepulcro
de meu finado pai que logo me concedam
a graça de materializar o sonho.
Cumpre-me interpretá-lo então literalmente:
se, nascida do mesmo ventre de onde vim,
a víbora, como se fosse uma criança,
depois de ser vestida em fraldas pôs a boca
no mesmo seio em que me alimentei na infância
e misturou sangue com leite enquanto a mãe
gritava perturbada pela dor intensa,
indiscutivelmente ela, que nutriu
um monstro pavoroso, terá de ofertar-me
seu próprio sangue, e eu, transformado por ela
numa terrível víbora, matá-la-ei,
como posso inferir do sonho inspirador.

Corifeu

Aprovo-te como adivinho de prodígios.
Que seja assim! Agora instrui os teus amigos:
a uns explica o que devem fazer; a outros,
como devem agir em tua opinião.

Orestes

Meu plano é simples.

(Apontando para Electra.)

Ela regressa ao palácio.

(Apontando para o Coro.)

Quanto a vós todas, deveis guardar segredo
em relação aos meus desígnios, pois desejo
que, depois de matarem arditamente
um herói glorioso de volta a seu reino,
os inimigos sejam também apanhados
de maneira arditosa e logo exterminados
em trama idêntica, tal como determina
o próprio Apolo, que jamais foi mentiroso,
em suas profecias feitas a mim mesmo.

Dissimulado em estrangeiro e ostentando
os petrechos usados pelos viajantes,
apresentar-me-ei na porta do palácio
com Pílades, meu companheiro inseparável,
hoje meu hóspede depois de me acolher
em sua própria casa. Falaremos ambos
como se fôssemos nativos do Parnasso ,
imitando a linguagem dos foces de lá.
Prevejo que nenhum dos guardas nos dirá
palavras amistosas, pois todos lá dentro
estão angustiados. Vamos esperar
que os transeuntes, notando a nossa presença,
perguntem-se e comentem muito curiosos:
"Por que Egisto, que deve estar no palácio
e sem a menor dúvida foi avisado,
deixou os suplicantes do lado de fora?"
Mas, se eu puder entrar pelas portas da corte
e o vir no trono de meu pai, ou se ele, então,
quiser falar-me face a face e para isso
aparecer diante de meus próprios olhos,
de um modo ou de outro - fique ele sabendo logo –
antes de me dizer "Saúdo-te, estrangeiro!"
farei dele um cadáver no ímpeto feroz
de meu punhal de bronze; as Fúrias vingadoras,
ainda sedentas de morte, beberão
pela terceira vez o sangue sem mistura!

(Dirigindo-se a Electra.)

E tu, volta ao palácio imediatamente
para que tudo marche como desejamos.

(Dirigindo-se ao Coro.)

Peço-vos a maior prudência nas palavras,
falando ou omitindo-vos discretamente.

(Voltando-se para o túmulo de Agamêmnon.)

Quanto ao restante, pai, escuta minha súplica:
dirige meu punhal ao alvo desejado
na luta em que terei de me empenhar aqui!

(Saem Orestes, Pílades e Electra.)

Coro

São incontáveis os males funestos

e as feras produzidas pela terra
e os monstros perigosos para os homens
soltos nos mares; entre o céu e a terra
fulguram muitos astros flamejantes;
tudo que marcha e tudo que alça vô
fala da fúria dos ventos velozes.
Mas, quem será capaz de descrever
a imensa audácia que o homem ostenta
e as paixões desastrosas das mulheres
de coração sempre despudorado,
causa constante de terríveis penas
para os frágeis mortais? Os laços fortes
que ligam os casais são destruídos
insidiosamente pela fúria
dos sórdidos desejos incontidos,
cujo poder brutal se impõe às fêmeas,
seja entre os animais, seja entre os homens.
Quem ainda conserva na memória
os contos ouvidos antigamente,
por certo lembra-se do fogo pérfido
aceso por Altaia, a mãe cruel,
para matar o filho, Meleagro,
consumindo nas chamas o tição
ao qual estava presa a vida dele
desde o instante de seu nascimento,
e que deveria medir-lhe os dias
por força do Destino inexorável.
Os velhos contos também condenavam
Cila sangrenta por ter imolado
seu próprio pai à sanha de inimigos;
cedendo à sedução de algumas jóias
de ouro cretense - presentes de Minos -,
ela arrancou (ah! cadela impudente!)
das têmporas de Niso adormecido
um cabelo que o imortalizava,
do qual Hermes se apoderou depois.
E já que falo destes tristes crimes,
este é o momento de rememorar
um casamento sem nenhum amor
- uma abominação para o palácio -
e as tramas sórdidas imaginadas
por uma esposa cheia de perfídia
contra um guerreiro seu senhor e rei;
temiam-no todos os inimigos,
mas ele desejava um lar tranquilo,
tendo a seu lado a rainha e esposa.
Entre todos os crimes os relatos

destacam o que vitimou os lêmnios;
a voz de todo o povo inda o maldiz
horrorizada, e o nome de Lemnos
associou-se às mais cruéis desgraças.
A raça em cujo seio aconteceu
esse crime odiado pelos deuses
findou abominada pelos homens.
Ninguém reverencia neste mundo
o que é detestado lá no céu.
Quem poderia negar-me o direito
de recordar agora estas verdades?
A espada aguda visa o coração
e o atravessa em nome da justiça;
ninguém contesta sua atuação
junto às mal-afamadas criaturas
que espezinharam e que violaram
a majestade única de Zeus.
As raízes sagradas da justiça
estão plantadas no alto firmamento;
o destino prepara suas armas
e já está forjando seu punhal.
As celebradas Fúrias vingadoras
de profundos desígnios, restituem
o filho ao lar; ele vem apagar
a mácula do sangue derramado.

(Orestes e Píladés voltam à cena e se encaminham para o palácio, à cuja porta Orestes bate.)

Orestes

Escuta, escravo! Bato à porta do vestíbulo!
Ninguém está neste palácio? Escuta, escravo!
É a terceira vez e ninguém nos atende!
Espero que apareça alguém se nesta casa
se acolhem estrangeiros por ordem de Egisto!

Escravo *(Abrindo a porta.)*

Já pude ouvir! Fala! Qual é a tua terra
e de onde estás chegando? Dize-me, estrangeiro!

Orestes

Vai logo anunciar-me aos donos do palácio,
pois vim aqui para dar-lhes notícias;
apressa-te, porém, pois o carro da noite
já está prestes a chegar trazendo as
trevas e soa a hora de o viajante ancorar
em uma casa onde se hospedam forasteiros.

Deves chamar alguém que tenha autoridade nos assuntos do lar a - dona que o dirige -; inda melhor será o dono, pois assim não haverá constrangimento na conversa (de fato, um homem fala abertamente a outro e expõe seu pensamento com maior clareza).

(Clitemnestra sai do palácio.)

Clitemnestra

Revelai-me vossos desejos, estrangeiros. Neste palácio certamente encontrareis tudo que é lícito esperar: um banho quente, um leito onde vossas fadigas cessarão e ainda a recepção de um olhar leal. Se vindes para discutir assuntos sérios, vossa mensagem será transmitida aos homens.

Orestes

Sou estrangeiro e estou vindo lá de Dáulis. Enquanto eu caminhava em direção a Argos, trazendo pouca coisa além dos próprios pés, subitamente um homem que eu não conhecia (ele também nunca me tinha visto antes) apareceu na estrada e dirigiu-se a mim; logo me perguntou meu nome e disse o seu - Estrófilo -, acrescentando que nasceu na Fócida. Em seguida indagou sobre minha viagem e depois dirigiu-me as seguintes palavras: "Já que estás indo para Argos, estrangeiro, lembra-te de dizer sem falta aos pais de Orestes que ele morreu; não esqueças de forma alguma! Revela-me na volta se os parentes dele preferem que o cadáver seja transportado para sua cidade, ou se ao contrário querem que o enterremos no local de sua morte, como estrangeiro e para sempre nosso hóspede; enquanto não chega a resposta suas cinzas, guardadas entre os flancos de uma urna brônzea, receberão o preito de sentidas lágrimas que bem merece o homem recém-falecido." Repito exatamente o que escutei, senhora. Se estou falando com o parente apropriado para ouvir a notícia, ignoro, mas sem dúvida quem deu à luz Orestes sabe e me dirá.

Clitemnestra

Ai! Ai de mim! Tuas palavras me aniquilam!
Como é difícil, Maldição deste palácio,
a luta contra ti! Ah! Como é penetrante
a lua vista se conseguiste abater
o homem que eu imaginava tão distante
exterminando-o com teu arco irresistível!
Assim me privas de todas as criaturas
a quem dedico o meu amor! Ai! Ai de mim!
Agora foi Orestes, que teve o bom senso
de se afastar deste sangrento lamaçal
- a última esperança que eu ainda tinha
de sentir nesta vida uma alegria pura,
capaz de curar para sempre este palácio!

Orestes

Se eu pudesse escolher, a minha preferencia
seria dar a tão nobres anfitriões
notícias agradáveis, pois se fosse assim
eles me acolheriam com satisfação.
De fato, pode haver melhor disposição
que a de quem é fidalgamente recebido
em relação a seus gentis anfitriões?
Em minha opinião, porém, minha conduta
seria imperdoável se eu tergiversasse
no desempenho de uma missão amistosa
por mim aceita e facilitada por ti.

Clitemnestra

Não deves recear que te faltem por isso
as atenções devidas nem a recepção
proporcionada aos bons amigos desta casa.
Outra pessoa, cedo ou tarde, nos traria
esta mensagem de que foste portador.
Mas é chegada a hora de proporcionarmos
a nossos hóspedes neste fim de jornada
os cuidados devidos em tais circunstâncias.

(Dirigindo-se a uma escrava.)

Conduze-os logo aos aposentos reservados
a quem merece a nossa melhor acolhida,
sem esquecer os serviçais e o companheiro;
eles receberão aqui o tratamento
que costumamos dispensar em nossa casa.
Presta atenção, escrava, e obedece em tudo,
pois serás responsável pelo atendimento.

(Orestes e Pílates entram no palácio seguidos pela escrava.)

Vamos fazer agora um relato completo
ao senhor do palácio, e como não nos faltam
amigos confiáveis, reunir-nos-emos
para deliberar sobre este fato novo.

(Clitemnestra retorna ao palácio.)

Corifeu

Ajamos logo, amigas, servas do palácio!
Que estamos esperando para demonstrar,
valendo-nos do ímpeto de nossas vozes,
uma disposição sempre a favor de Orestes?
Ah! Terra consagrada! Ah! Consagrado túmulo
que agora cobre o corpo de um comandante
de naus inumeráveis! É chegada a hora!
Ouvi-nos neste instante! Ajudai-nos agora!
É o momento de a Persuasão solerte
entrar ao lado dele na luta difícil,
e de Hermes infernal, deus das noturnas trevas,
levar até os alvos o punhal mortífero!

(Entra a Ama de Orestes, vinda do palácio.)

Parece-me que o estrangeiro começou
a molestar os moradores do palácio;
já vejo saindo de lá, desfeita em lágrimas
a escrava que cuidou de Orestes pequenino.

(Dirigindo-se à Ama.)

Aonde vais, Cilissa, deixando o palácio?
Pareces dominada pelo sofrimento!

Ama

Minha senhora mandou-me chamar Egisto
imediatamente para conversar
de homem para homem com os estrangeiros
e conhecer sem qualquer dúvida as notícias
recém-chegadas até nós graças a eles.
Na presença de seus criados Clitemnestra
quer dar a impressão de estar preocupada;
seus olhos, todavia, ocultam um sorriso,
pois tudo para ela se encaminha bem;
para o palácio dos Atridas, ao contrário,

os estrangeiros anunciam claramente
a mais completa ruína. Certamente Egisto
irá ficar com o coração cheio de júbilo
quando escutar as novidades que lhe trazem.
Ah! Infeliz de mim! Como as antigas mágoas,
caindo esmagadora e repetidamente
sobre o palácio do muito famoso Atreu,
amarguraram-me no peito o coração!
Nunca, porém, ao longo de minha existência
senti tamanha dor. As outras, numerosas,
eu suportei com natural resignação,
mas meu querido Orestes, a quem dediquei
dias sem número de minha vida,
ele, que recebi na hora de seu nascimento
e criei como um filho!... Ah! Todo o meu carinho
a cada instante, atenta ao seu choro estridente,
cuidando dele durante noites inteiras!...
E todo esse longo desvelo foi em vão!...
Quem ainda não pode usar a consciência
é como se fosse um bichinho - é isso mesmo!
Temos de adivinhar suas necessidades.
Em suas fraldas a criança não nos diz
que está com fome ou sede, ou que tem de urinar,
e sua barriguinha se alivia logo.
Eu tinha então de adivinhar, e quantas vezes
- sei muito bem! - não percebi que era a hora
e tinha de lavar eu mesma os panos sujos,
passando a ser além de ama lavadeira!
Mas eu podia suportar perfeitamente
a dupla obrigação, pois recebi Orestes
das mãos do rei seu pai; hoje fiquei sabendo
que Orestes está morto - ai! Infeliz de mim!
Agora tenho de ir procurar o homem
que foi o causador da ruína desta casa;
ele receberá feliz as más notícias.

Corifeu

Como deseja ela que Egisto retorne?

Ama

Como? Repete para que eu possa entender-te!

Corifeu

Com toda a sua guarda, ou sem acompanhantes?

Ama

Ela quer que ele volte com guardas armados.

Corifeu

Não leves o recado a teu senhor, que odeias.
Dize que venha só, para não assustar
os estrangeiros portadores da notícia.
Fala-lhe assim, com pressa, e demonstra alegria.
O sucesso ou fracasso de um plano secreto
depende muito de quem transmite a mensagem.

Ama

Mas, estás satisfeita com as novidades?

Corifeu

Zeus pode converter quaisquer males em bens.

Ama

Como, se Orestes, nossa esperança, morreu?

Corifeu

Ainda não; quem pensa assim é mau profeta.

Ama

Que dizes? Sabes de algo além dessas notícias?

Corifeu

Vai com tua mensagem sem perda de tempo!
Trata de obedecer a quem te deu as ordens;
os deuses cuidarão do que tem de ser feito.

Ama

Então eu vou e seguirei os teus conselhos.
Que tudo saia bem com a bênção divina!

(Sai a Ama.)

Coro

Agora, Zeus, pai dos deuses olímpicos,
atende à minha fervorosa súplica:
faze com que supere os inimigos
aquele que já chegou ao palácio!
Se o exaltares e lhe deres força
ele te retribuirá, solícito,
com duplas e até triplas oferendas.
Vê bem o potro, o órfão de um herói
preferido por ti, jungido agora
a esse carro onde só cabem dores!
Concede-lhe uma vitória total

contra seus inimigos no palácio!
E vós, que tendes vossos santuários
na parte mais faustosa do palácio,
deuses benevolentes, escutai-me!
Vinde! Lavai com pronta punição
o sangue dos morticínios passados!
Que o crime inveterado nunca mais
volte a reproduzir-se neste lar!
E tu, que moras no edifício esplêndido
perto do abismo, faze com que a casa
de um homem possa erguer a sua fronte
e ver com os olhos sempre devotados
o sol magnífico da liberdade!
Possa o filho de Maia auxiliar-nos
dentro de suas atribuições!
Ele, mais que qualquer dos outros deuses,
sabe, quando lhe apraz, fazer soprar
os ventos que nos favorecerão!
Com palavras sombrias ele joga
sobre os olhos dos homens densas trevas
que o próprio dia não dissiparia.
E finalmente cantaremos todas,
bem alto, o hino da libertação,
que as mulheres entoam quando sopram
os ventos mais propícios, esquecendo
o lamento penoso de quem chora:
"Venha logo a vitória para nós
e fuja dos amigos a desgraça!"
E tu, Orestes, na hora de agir,
se ela implorar e chamar-te de filho
grita-lhe forte e corajosamente
o que teu pai diria com certeza,
e sem um átimo de hesitação
consuma logo a obra da Vingança,
horripilante mas incensurável.
Tendo no peito o ânimo inflexível
presente no coração de Perseu,
pensa somente em dar satisfação
a teus amigos vivos e finados;
e mesmo derramando muito sangue
cumpre-te aniquilar o autor do crime!

(Entra Egisto.)

Egisto

Estou aqui, não por mim mesmo, mas chamado
por uma mensageira. Ela veio dizer-me

que uns estrangeiros nos trouxeram más notícias,
segundo as quais Orestes está morto agora.
Será terrível para nós mais este golpe,
quando o palácio ainda sangra sob o peso
de uma primeira morte. Mas, digei-me logo:
como poderemos saber se tal notícia
é real e verídica? Ou é apenas
uma conversa apavorante de mulheres,
dessas que surgem e se propagam depressa
para depois se dissiparem no vazio?

(Dirigindo-se ao Corifeu.)

Que me dirás para me esclarecer o espírito?

Corifeu

Ouvimos a notícia, mas deves entrar
para ter a confirmação dos estrangeiros.
A informação de quem apenas escutou
não se compara com a inquirição direta
de quem pode falar com o próprio interessado.

Egisto

Quero falar com o mensageiro e perguntar-lhe
se viu Orestes morto com seus próprios
olhos ou veio repetir rumores imprecisos;
de uma coisa estou certo: ele não zombará
de quem, como eu, tiver a mente esclarecida.

(Egisto entra no palácio.)

Corifeu

Ah! Zeus! Que deverei dizer agora?
Por onde, Zeus, começarei a prece,
o apelo aos deuses? Como poderei
achar palavras próprias neste instante,
e enunciá-las adequadamente?
Neste momento, ou os punhais mortíferos
extingirão definitivamente
a raça de Agamêmnon, ou então,
acendendo a luz cintilante e o fogo
da liberdade que tanto esperamos,
Orestes irá desfrutar aqui,
no trono destinado ao rei legítimo,
os muitos bens de seus antepassados.
Esta é a luta que o divino Orestes,
como na arena o derradeiro atleta,

irá travar contra dois adversários.
Que seja dele a vitória final!

(Ouvem-se gritos no interior do palácio.)

Egisto *(Do interior do palácio.)*

Ai! Ai! Ah! Infeliz de mim! Ai! Ai!

Coro

Que se passou lá dentro do palácio,
e como tudo terá terminado?

Corifeu

Devemos afastar-nos; tudo aconteceu
e não é bom que apareçamos como cúmplices.

(O Coro retira-se para o lado do vestíbulo; sai da parte central do palácio, transtornado, um criado de Egisto, dirigindo-se para os aposentos das mulheres e batendo á porta dos mesmos.)

Criado

Ai! Infeliz de mim! Mataram meu senhor!
Ai! Infeliz de mim pela segunda vez!
Egisto não existe mais! Tirai depressa
os ferrolhos do gineceu. Precisamos
de um jovem vigoroso - não para ajudar
quem não existe mais. Tudo seria inútil!
Abri! Abri! Estou gritando para surdos,
desperdiçando a minha voz aqui na porta
com tanta gente adormecida? E Clitemnestra?
Onde estará nossa rainha? Que faz ela?
Tenho a impressão de ver um punhal afiado
prestes a desferir o golpe da justiça;
ferida mortalmente no colo indefeso,
ela se estenderá em pleno chão, imóvel!

(Clitemnestra sai pela porta do gineceu.)

Clitemnestra

Que aconteceu? Teus gritos enchem o palácio!

Criado

Digo que um morto mata uma pessoa viva!

Clitemnestra

Ai! Ai de mim! Já decifrei o teu enigma!

Pereceremos vítimas de uma perfídia,
da mesma forma que matamos Agamêmnon!
Quem me dará agora o machado assassino?
Dentro de alguns instantes poderemos ver
quais são os vencedores e quais os vencidos,
já que cheguei a tais extremos de infortúnio!

(Sai o Criado. A porta principal do palácio abre-se e vê-se o cadáver de Egisto. Orestes está perto do cadáver, ao lado de Pílates.)

Orestes *(Dirigindo-se a Clitemnestra.)*
É bom que tenhas vindo, pois eu te esperava!

(Apontando para o cadáver de Egisto.)

Este defunto já ganhou o seu quinhão.

Clitemnestra
Ai! Estás morto, Egisto amado e destemido!

Orestes
Ainda o amas? Vai então deitar com ele
na mesma sepultura! Estando com Egisto,
mesmo depois de morta ser-lhe-ás fiel!

(Orestes ergue o punhal e avança contra Clitemnestra, que se lança aos joelhos dele, rasga o vestido e mostra-lhe os seios.)

Clitemnestra
Pára, meu filho! Pára, menino, e respeita
os seios dos quais tantas vezes tua boca
até durante o sono tirou alimento!

(Orestes baixa a espada e dirige-se a Pílates.)

Orestes
Ah! Pílates! Que faço? Mato a minha mie?

Pílates
Que restaria de agora em diante, Orestes,
do oráculo de Apoio, das proclamações
de Pito, sua intérprete, da lealdade,
penhor dos juramentos? Seria melhor
obedecer aos deuses que a todos os homens!

Orestes
Tuas ponderações convencem-me; venceste!

(Dirigindo-se a Clitemnestra)

Tens de seguir-me! Vou matar-te junto a Egisto!
Enquanto ele vivia tu o preferiste
a meu querido pai; agora jazerás
ao lado dele, já que o amas e odiaste
o homem que devias ter amado em vida!

Clitemnestra

Eu te nutri e quero envelhecer contigo!

Orestes

Queres morar comigo, assassina de um pai?

Clitemnestra

Tudo foi obra do destino, filho meu!

Orestes

Então é o destino que te mata agora!

Clitemnestra

Não te apavora a maldição materna, filho?

Orestes

Deste-me à luz mas me lançaste na desgraça!

Clitemnestra

Tudo que fiz foi entregar-te a um amigo!

Orestes

Fui vilmente vendido, eu, filho de um pai livre!

Clitemnestra

E o dinheiro de tua venda, onde estará?

Orestes

Tenho vergonha de falar-te abertamente
desse dinheiro ignóbil; prefiro calar-me!

Clitemnestra

Fala-me, então, da má conduta de teu pai!

Orestes

Não podes acusar o herói que combatia
enquanto estavas ociosa em seu palácio!

Clitemnestra

Para nós, as mulheres, filho, é doloroso estarmos tanto tempo longe dos maridos!

Orestes

Mas é a luta dos maridos que alimenta a ociosidade de suas mulheres.

Clitemnestra

Insistes em matar a tua mãe, meu filho?

Orestes

Eu não! Tu mesma estás causando a tua morte!

Clitemnestra

Cuidado com a maldição de tua mãe!

Orestes

E como evitarei a de meu próprio pai se demonstrar hesitação neste momento?

Clitemnestra

Ainda viva, estou aqui (pobre de mim!) fazendo súplicas inúteis a um túmulo!

Orestes

O trágico destino de meu pai querido hoje te impõe a merecida punição!

Clitemnestra

Eu mesma dei à luz e criei esta víbora!

Orestes

A profecia de teus sonhos pavorosos revela-se neste momento verdadeira. Assassinate quem não devias matar; agora sofre o que não devias sofrer!

(Orestes. seguido por Pílates, obriga Clitemnestra a entrar no palácio com ele; fecha-se a porta após a passagem dos três.)

Corifeu

Choro sentidamente por ele e por ela nesta desdita dupla. Mas, considerando que o infeliz Orestes atingiu o ápice de tantos fatos maculados pelo sangue, quero que ao menos não desapareça agora

o olho desta casa para todo o sempre.

Coro

Eis afinal a justiça esperada
que antes já puniu os Priamidas
com o castigo merecido e duro.
Da mesma forma acaba de chegar
ao palácio real o leão duplo,
o duplo assassinato; o desterrado
anunciado pela pitonisa
levou a termo o seu cometimento
guiado pelos conselhos de um deus
em sua decisão impetuosa.
Gritai manifestando o justo júbilo,
pois finalmente a casa de Agamêmnon
foi libertada de tantas desditas
e do casal impuro e insaciável
que para dissipar suas riquezas
enveredou pela rota da morte.
Chegou o herói que, lutando na sombra,
soube aplicar o castigo devido.
Guiou-lhe os passos a filha de Zeus
que nós, mortais, costumamos chamar
pelo nome que lhe convém - Justiça;
sobre seus inimigos ela insufla
vingança e morte até aniquilá-los.
O oráculo que a voz forte de Apolo
pronunciou no fundo de seu antro
declara que se deve perdoar
a traição que pune os traidores.
Em nossa opinião aqui triunfa
a vontade divina, ao decretar
que não devemos socorrer os maus
e que lemos de reverenciar
como convém os deuses das alturas.
Agora já podemos ver a luz
e a queda desejada há tanto
tempo dos laços que tolhiam esta casa.
Levanta-te, palácio, pois te vimos
durante muitos anos rebaixado!
O tempo que faz tudo acontecer
penetrará pelo portal da casa
quando as inveteradas maldições
forem varridas da lareira santa
graças ao ritos purificadores
que dela expulsarão todas as máculas.
Os dados atirados pela Sorte

irão mudar e logo cairão
com as faces favoráveis para cima,
prenunciando assim melhores dias.

(Abre-se a porta central do palácio. Vêm-se os cadáveres de Egisto e de Clitemnestra estendidos lado a lado no chão, ocultos por uma coberta. As mulheres do Coro entram no palácio.)

Orestes

Olhai a dupla de opressores desta terra,
os traidores assassinos de meu pai
e dilapidadores dos bens desta casa!
Eles estavam majestosos em seus tronos
até há pouco tempo, e foram sempre amigos,
como se pode deduzir de seu destino,
presos a compromissos de fidelidade.
Além de exterminarem meu pai infeliz,
eles também tinham jurado morrer juntos
e assim cumpriram hoje a palavra empenhada.
Agora contemplai, vós, que já conheceis
as nossas desventuras, o pano cruel
que subjogou meu pai tolhendo suas mãos
e jungindo seus pés para imobilizá-lo!

(Apontando para a coberta que ocultava os cadáveres.)

Puxai vós mesmos este pano; aproximai-vos
e em círculo estirai a rede insidiosa
em cujas malhas eles prenderam meu pai;
assim o crime sórdido de minha mãe
ficará mais visível aos olhos do Pai
- não do que me gerou, mas do que tudo vê,
o Sol! Então, no dia de meu julgamento
ele estará presente como testemunha
de que perseverarei nesta vingança justa
e fui até o cúmulo de eliminar
a minha própria mãe. Quanto à morte de Egisto,
não pretendo falar: como qualquer adúltero
ele sofreu a punição segundo a lei.
Mas, a mentora única de um plano infame
contra o marido, cujos filhos concebeu
- fardo muito pesado dentro de seu ventre,
prova do antigo amor mais tarde transformado
em ódio imenso -, que pensais agora dela?
Moréia ou víbora desde seu nascimento,
um ser capaz de envenenar pelo contato,
mesmo sem a picada, apenas pela audácia

e por seus pensamentos cheios de maldade.

(Apanhando o pano que cobria os dois cadáveres.)

Que nome apropriado possa dar a isto,
por mais que tente moderar a minha boca?
Uma armadilha para feras, ou então
uma mortalha indo da cabeça aos pés?
Não! Uma rede ou pano usado por bandidos
em suas incursões à margem das estradas
para matarem torpemente muitos homens,
satisfazendo assim seu instinto perverso.
Queiram os deuses que jamais tal companheira
penetre em minha casa! Antes morrer sem filhos!

Coro

Ai! Tristes crimes!... Morres cruelmente!
Quanto mais tarda, mais cresce o castigo!

Orestes

Ela feriu meu pai ou não? A prova certa
está aqui: o pano ainda avermelhado
pelo fino punhal que Egisto manejou.
Os vestígios de sangue e o tempo decorrido
esmaeceram os bordados multicores.

(Após alguns momentos de silêncio.)

Agora posso me aplaudir abertamente,
agora posso lamentar-me no momento
de ver este lençol que recobriu meu pai,
(mas choro pelo feito, pela punição
e até por nossa raça, pois desta vitória
guardo somente uma desmesurada mácula.

Coro

Nenhum mortal consegue atravessar
a vida inteira livre de amarguras.
Uma tristeza hoje, outra amanhã...

Orestes

Eu, entretanto, gostaria de dizer-vos
(não sei como isso tudo chegará ao fim)
que hoje me sinto como se fosse um cocheiro
dirigindo os cavalos por fora da estrada;
as rédeas, difíceis de dominar, soltaram-se
de minhas mãos, e os animais vão-me levando;

vencido e desgarrado, começo a sentir
que meu sofrido coração, cheio de espanto,
já quer cantar seguindo o ritmo de seus saltos;
mas, enquanto consigo dominar a mente
grito estridentemente a todos os amigos:
matei a minha mãe, e com muita razão.
Ela matou meu pai e personificava
a máxima impureza, execração dos deuses;
quanto aos estímulos que me deram audácia,
o mais eficiente foi um deus - Apolo,
o deus de Pito -; ele mesmo me revelou
que se eu agisse assim não seria culpado;
mas se deixasse de cumprir as suas ordens...
- não posso revelar o nome do castigo:
o alcance de uma flecha seria menor
que os sofrimentos reservados para mim.
E agora vede como, portando este ramo
adornado de lã, vou, simples suplicante,
até o centro deste mundo - terra santa
onde Loxias profetiza e onde brilha
a luz do fogo aceso para todo o sempre –
fugindo à maldição do sangue que jorrou
de minha mãe; em suas injunções o deus
determina que eu vá sem falta a seu altar.
Quanto à consumação desta desgraça enorme,
peço aos argivos todos para revelarem
de viva voz a Menelau como nasceram
tão grandes desventuras; peço-lhes também
que dêem o seu testemunho a meu favor.
Agora irei andando como um vagabundo,
banido desta terra, pelo mundo afora,
deixando atrás de mim uma fama hedionda
por toda a vida e mesmo após a morte.

Corifeu

Venceste! Evita que teus lábios pronunciem
qualquer palavra portadora de infortúnio
e não permitas que eles te maldigam hoje,
no dia da libertação da terra argiva
graças aos golpes felizes de teu punhal
exterminando as duas víboras cruéis.

(Orestes, que ia iniciar a marcha para o exílio, recua bruscamente, horrorizado.)

Orestes

Ai! Ai de mim. Criadas! Já as vejo ali,
como se fossem Górgonas, com roupas negras,

envoltas em muitas serpentes sinuosas!
Não posso mais ficar aqui! Não posso mais!

Corifeu

Dize-nos, filho mais querido de teu pai!
Quais são esses fantasmas cuja aparição
provoca em ti essas horríveis convulsões?
Coragem Não receies, grande vencedor!

Orestes

Não são simples fantasmas que me atemorizam;
vejo-as muito bem! Elas estão ali!
São as cadelas rábidas de minha mãe !

Corifeu

Há muito sangue ainda fresco em tuas mãos;
vêm dele as alucinações de tua mente!

Orestes

Apelo, meu senhor! Ei-las ali, olhando-me,
em número incontável e sempre crescente!
Goteja de seus olhos sangue repugnante!

Corifeu

Há uma purificação para teu ato:
vai ao templo de Apolo e toca o deus com a mão;
ele te livrará desta aflição enorme.

Orestes

Não podes vê-las, mas as vejo perseguindo-me
e não tenho o direito de ficar aqui!

(Orestes sai correndo.)

Corifeu

Então vai logo para onde deves ir
e sê muito feliz! Desejo que algum deus
te olhe com benevolência e te conceda
melhores dias depois dessas desventuras!

Coro

Consuma-se a terceira tempestade
neste palácio de nossos senhores,
causada por seus próprios habitantes.
Os filhos de Tiestes, inda infantes,
mortos e devorados num banquete
iniciaram a seqüência horrenda

de nossas amarguras; em seguida
foi morto o comandante dos Aqueus,
um rei assassinado torpemente
enquanto se banhava descuidoso.
Agora, na terceira vez, chegou
como direi? - o fim? A salvação?
Onde se deterá, ou findará,
a Ira precursora da Vingança?

FIM